

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Raquel Matos Silva

AS REDES SOCIAIS E A REVOLUÇÃO EM TEMPO REAL
O caso do Egito

Orientadora: Profª Sandra de Deus

PORTO ALEGRE
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Raquel Matos Silva

AS REDES SOCIAIS E A REVOLUÇÃO EM TEMPO REAL
O caso do Egito

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Sandra de Deus

PORTO ALEGRE
2011

Raquel Matos Silva

AS REDES SOCIAIS E A REVOLUÇÃO EM TEMPO REAL
O caso do Egito

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Conceito final: **A**

Aprovada em 09 de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Sandra de Deus - Orientador

Prof^a Sabrina Franzoni - Avaliador

Prof^a Helenice Carvalho – Avaliador

AGRADECIMENTOS

Aos corajosos revolucionários egípcios que ousaram transformar a realidade e que tanto inspiraram o ano de 2011.

A meus pais e irmãos pelo apoio incondicional. Aos queridos amigos, aos camaradas e ao movimento estudantil que fizeram de minha graduação mais do que uma experiência acadêmica, mas uma experiência para toda a vida. Por fim, a querida Professora Sandra de Deus por nunca ter desistido de mim.

Resumo

Este estudo apresenta um olhar sobre as revoluções e levantes populares que ocorrem no mundo em 2011, particularmente no Egito, que derrubou um governo ditatorial de quase 30 anos. Objetiva analisar o uso das Redes Sociais na Internet e seu auxílio na comunicação e organização das mobilizações. Resgata o surgimento da Web, seu desenvolvimento em Web 2.0 e Redes Sociais e a origem do Facebook. Contextualiza a história egípcia e a crise que a afetou. Expõe os motivos que levaram a população a protestar. Verifica a utilização das Internet na revolução do Egito. Demonstra o uso do Facebook na revolução.

Palavras-chave: Revolução; Egito; Internet; Web 2.0; Redes Sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O QUE SÃO REDES SOCIAIS	12
2.1 Web e Web 2.0	12
2.2 Redes Sociais Virtuais	18
2.3 Facebook	22
3 A REVOLUÇÃO NO EGITO	27
3.1 Contexto Histórico	27
3.2 Como a crise mundial afetou o Egito	31
3.3 O reflexo da crise nas mobilizações egípcias	34
4 A REVOLUÇÃO NO EGITO VISTA ATRAVÉS DO FACEBOOK	40
4.1 Procedimentos Metodológicos	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O mundo que nos despedimos em 2010 não é o mesmo de 2011, que certamente ficará conhecido como o ano em que ocorreu “A volta das revoluções”, como colocou a *Le Monde Diplomatique Brasil* em sua capa no segundo semestre deste ano. Muitas foram as transformações políticas. Do norte da África ao sul da América Latina, tivemos muita convulsão social, com milhares de pessoas nas ruas clamando por mudanças políticas e econômicas.

Já no despertar do ano, no norte da África, ocorreram as primeiras lutas. As revoluções democráticas da Tunísia e do Egito, que foram capazes de derrubar ditaduras de décadas, em janeiro e fevereiro, respectivamente, abriram uma situação revolucionária na região e contaminaram grande parte do mundo. Foi a Primavera Árabe que floresceu nas ruas e praças de diversos países.

Casando a enorme crise econômica mundial, iniciada há algum tempo, com o clima de mudanças trazido pela Primavera Árabe, o verão europeu foi sacudido por diversos protestos e reivindicações populares, com o povo na rua em gigantes manifestações. Em Madri, na Espanha, a Praça Puerta Del Sol foi tomada por milhares de Indignados do mundo, contagiando todo o país e o resto do continente, com a bandeira da Democracia Real Já! Em Portugal, tivemos a volta da *Geração à Rasca* – alusão ao movimento da Revolução dos Cravos, em 1974 – onde os jovens reivindicaram, entre outras pautas, melhores condições de vida para a juventude. Na Grécia, os trabalhadores foram às ruas contra demissões em massa de funcionários públicos e contra os Planos de Austeridade propostos pelo governo, que visam retirada de direitos.

Na Itália, os protestos se voltaram contra a corrupção no governo. Nos subúrbios de Londres, jovens pobres e imigrantes incendiaram bairros de periferia por igualdade e trabalho. Enfim, Bélgica, Alemanha e tantos outros

países do velho continente, até mesmo Israel, foram muito atingidos pela crise, porém, também tiveram grandes mobilizações.

Na América do Norte, no coração do sistema financeiro mundial, em setembro, Wall Street virou uma espécie de Praça Tahrir (praça pública do centro do Cairo onde ocorreram as maiores mobilizações na revolução egípcia) dos Estados Unidos. Algumas centenas de pessoas estabeleceram residência e acamparam durante dias em protesto a crise financeira e ao sistema capitalista, até serem removidas pela polícia. Já na América do Sul, o Chile há mais de seis meses resiste na luta em defesa de uma educação totalmente pública e gratuita com ocupação de colégios, universidades e passeatas que chegaram a um milhão de pessoas nas ruas. No Brasil, algumas mobilizações sacudiram diversas cidades do país, sendo as principais a Marcha da Liberdade, a Marcha Contra a Corrupção e o dia 15 de Outubro (ato global convocado pelos indignados espanhóis e que aconteceu, ao mesmo tempo, em cerca de mil cidades em 82 países. No Brasil foram aproximadamente 20 cidades, sendo o de Porto Alegre o maior de todos os atos).

Este breve resgate é muito importante para nós, pois todas estas mobilizações tiveram algo em comum. Todas, em certa medida, foram influenciadas pela Primavera Árabe e pela revolução no Egito, visto os atos simbólicos de ocupação de praças. Todas essas mobilizações passaram pela Internet e tiveram as Redes Sociais como importantes aliadas. Certamente, a nova geração, nascida pós 1989, acompanha sua primeira revolução através das novas tecnologias, em tempo real e compartilhando através do Facebook.

Frente ao exposto, entendemos que o mundo passa por profundas transformações sociais e políticas, pois alteram não só as relações humanas e culturais, mas modificam o sistema vigente de países. Acreditamos que estas transformações atuais passam necessariamente pela Internet e, portanto, para compreendermos este novo tempo, vamos nos ater a mais significativa de todas as transformações, que foi a revolução no Egito, e a mais utilizada ferramenta Web, o Facebook.

Diante deste cenário, o presente trabalho pretende verificar se a revolução do Egito também passou pelas Redes Sociais na Internet. Para tanto, pretendemos também identificar quais foram os atores e em qual contexto estavam inseridos.

Os objetivos específicos deste estudo são expor teoricamente a evolução da Internet, o que se convencionou chamar de Web e Web 2.0, desenvolvendo o conceito de Redes Sociais e Redes Sociais na Internet, especificando o Facebook. Além disso, resgatar o histórico político do Egito e contextualizar a origem dos conflitos que levaram à revolução. Mas, principalmente, verificar a passagem desta revolução pelo Facebook.

Optou-se pelo caso do Egito e pela utilização das Redes Sociais, primeiramente pela importância de um país que passou quase 30 anos sob um regime ditatorial e com a força de seu povo mobilizado derrubou seu ditador Hosni Mubarak. Além disso, pela grande repercussão que a revolução neste país teve pelo mundo, contagiando inúmeros países e incentivando, de certa maneira, muitos povos a irem para as ruas e protestarem por seus direitos. Mas, principalmente, pelo novo elemento que foi a utilização das Redes Sociais como ferramenta de informação, organização e convocação das mobilizações que levaram à revolução e, conseqüentemente, à queda de Mubarak.

Dessa forma, para responder aos objetivos propostos, o trabalho subdivide-se, a partir desta introdução, em quatro capítulos básicos. Primeiramente, no capítulo 2, intitulado “O que são Redes Sociais”, busca-se dar ao leitor um panorama histórico desde a origem da Internet e a diferenciação que se convencionou chamar de Web e Web 2.0. Além disso, elucidaremos o conceito relativo a Redes Sociais e Redes Sociais na Internet. Por fim, desenvolveremos a respeito do Facebook, desde sua criação, dados importantes para compreensão de sua abrangência, até sua funcionalidade como ferramenta de comunicação, informação e organização. Exemplificando os recorrentes usos como forma de organização de manifestações no Brasil, apontando que este não foi um uso exclusivo do Egito, mas uma tendência mundial.

No capítulo posterior, denominado “A Revolução no Egito”, pretende-se apresentar um breve contexto histórico do país, desde a sua independência até a origem dos conflitos que levaram a queda de Mubarak. Para além, resgataremos a situação de crise social e política que se encontrava o povo egípcio e de que forma essa crise culminou nas mobilizações e na revolução.

O quarto capítulo trata de abordar o método de pesquisa adotado no presente trabalho, sendo considerado o mais eficaz o Estudo de Caso. Dessa maneira, utilizaremos como teórico principal deste estudo Robert K. Yin. Pois, para o autor, o Estudo de Caso deve ser utilizado quando a essência é esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões. Para isso, é necessária a investigação de um fenômeno contemporâneo. Ou seja, explicar ligações causais em situações complexas, descrevendo o contexto real em que ocorreram tais situações e explorando-as.

Por fim, o capítulo 5 “A revolução no Egito vista através do Facebook”, será onde nos debruçaremos sobre nossa hipótese para alcançar nosso objetivo proposto, que é verificar se a revolução no Egito passou pelas Redes Sociais.

2 O QUE SÃO REDES SOCIAIS

Neste capítulo, vamos abordar o conceito de Redes Sociais e Redes Sociais na Internet. Dessa forma, posteriormente, dentro destes marcos, desenvolveremos a respeito do Facebook, passando por sua origem, levantaremos os dados mais relevantes para compreensão de sua abrangência até sua utilização como ferramenta de comunicação e organização, pois compreendemos que isto é de extrema importância para entender seu papel na revolução do Egito. Entretanto, antes deste apanhado, iniciaremos com um panorama histórico sobre a criação da Internet e seu desenvolvimento. Apontaremos o que se conceituou chamar de a evolução da Web e o surgimento da Web 2.0.

2.1 Web e Web 2.0

Primeiramente, para compreendermos as redes sociais e o papel que desempenharam na revolução do Egito, vamos resgatar historicamente o surgimento da Internet e seu desenvolvimento na Web 2.0. Porém, para tanto, buscaremos compreender os passos iniciais da Web que propiciaram a criação deste novo paradigma tecnológico e social. Dessa forma, construiremos a pesquisa empírica das Redes Sociais e seu papel na revolução egípcia.

Segundo Castells (2003) a Internet passou a ser a base tecnológica organizacional da Era da Informação e sua importância para nossas vidas está relacionada assim como a eletricidade foi para a Era Industrial. Permitiu que um meio de comunicação tomasse escalas globais, possibilitando que milhões de pessoas, de qualquer parte do mundo, se comuniquem quase que simultaneamente.

Para Blattmann e Silva (2007), este novo momento coloca a Internet como um ambiente capaz de entender, compartilhar, produzir e disseminar conhecimentos através do acesso e organização de dados. Segundo eles, é um canal onde flui grande quantidade de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Além do armazenamento de informações, possibilita interação, trocas e geração de conhecimento.

A origem da Internet se deu na década de 60, ou seja, no auge da Guerra Fria. Segundo Siotane (2007), foi desenvolvida pesquisa de uma rede de computadores que conseguisse ligar pontos considerados estratégicos nos Estados Unidos, pelo Departamento de Defesa. Bases militares e centros de pesquisa montariam uma rede sem um comando central, ou seja, todos os pontos teriam a mesma importância e todos os dados seriam transmitidos em qualquer sentido.

Castells (2003) nos traz um panorama sobre Arpanet, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency (ARPA)*¹. Sua missão era mobilizar recursos de pesquisa para alcançar superioridade tecnológica militar, especialmente em relação à União Soviética, que já havia lançado o primeiro Sputnik em 1957. A Arpanet era um pequeno departamento cujo objetivo era estimular a pesquisa relativa à computação interativa, permitindo aos vários centros de computadores e grupos que realizavam pesquisa para a agência compartilhar on-line tempo de computação e dados destas pesquisas realizadas. Para montar uma rede interativa, este departamento utilizou uma tecnologia revolucionária de transmissão de telecomunicação, a comutação por pacote. Essa tecnologia foi desenvolvida independentemente por Paul Baran na Rand Corporation, um centro de pesquisas que trabalhava frequentemente para o Pentágono, e por Donald Davies no British National Physical Laboratory. A Rand Corporation apresentou este projeto ao Departamento de Defesa americano, com o objetivo de construir um sistema militar de comunicação.

¹ Agência formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Para Castells (2003) o projeto de Baran inspirou uma estrutura de comunicação baseada em três princípios, os quais a Internet opera até hoje. O primeiro deles é uma estrutura de rede descentralizada, o segundo é o poder computacional distribuído através dos nós das redes e, por fim, o terceiro é a redundância de funções na rede para diminuir o risco de desconexão. Os dois primeiros aprofundaremos ao longo deste trabalho.

Em 1990, muitos provedores de serviços da Internet estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais, montando suas próprias redes. Porém em 1995, abriu-se, de fato, o caminho para a operação privada da Internet.

Entretanto, o desenvolvimento do *world wide web*, ou apenas Web, foi o que permitiu à Internet ganhar o mundo todo. Com o software Windows 95, a Microsoft introduziu seu próprio navegador, o Internet Explorer, expandindo assim o uso da Rede.

Assim, em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www podia então funcionar com software adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2003, p. 19)

Ou seja, o que concluímos a partir do exposto é que, mesmo que a Internet tenha começado a ser concebida na década de 1960, foi após 35 anos de desenvolvimento que ela passou a ser uma realidade de fato na vida das pessoas comuns.

Entretanto, a partir de então, a Internet evoluiu rapidamente, tornando-se um dos principais meios de comunicação em todo o mundo, através de seu alcance e versatilidade. Neste sentido, Siotane (2007, VII) afirma que “não se refere apenas à combinação de técnicas informáticas, mas sim a um conjunto de novas estratégias mercadológicas, atitudes e conceitos”, ou seja, o que avançou com a evolução da Internet não foi apenas a tecnologia, mas também relações de consumo, sociais e culturais.

Dessa maneira, com tantas modificações, a comunicação entre as pessoas sofreu inúmeras mudanças, especialmente em decorrência do avanço tecnológico. Conforme nos indica o artigo “Redes Sociais: Surgimento e Desenvolvimento dos Micro-Bloggins”², “As tecnologias têm alterado consideravelmente as formas de aprendizado, de ensino, de comércio – compra e venda, da comunicação, enfim, não se consegue mais imaginar a realização de nenhuma ação na vida que não esteja atrelada à tecnologia”.

Para Castells (2003), a influência da Internet tem proporções para além do número de usuários, mas também diz respeito à qualidade de seu uso.

Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS, 2003, p. 8)

Dessa maneira, o que afirma o autor é que, atualmente, praticamente tudo passa pela Internet. Assim, aqueles que estão excluídos digitalmente, pode-se dizer que também estão excluídos socialmente.

Com o avanço das novas tecnologias, iniciou-se também uma nova Web. Mais participativa, com maiores possibilidades de interação, onde o usuário comum não é apenas um mero consumidor de informações, mas também produtor e disseminador de conteúdo.

A partir destes avanços tecnológicos, a essa nova Web, convencionou-se chamar de Web 2.0. Seu grande diferencial é a ativa participação do usuário. A possibilidade de alguém comum passar a gerir conteúdo. Ou seja, o usuário deixa de ser um receptor passivo, e torna-se um agente de disseminação de informações através de ferramentas como Blogs, Chats, Fóruns, Micro-bloggins, Sites de relacionamento, etc, Uma nova comunicação interativa entre os usuários ou entre usuários e sistemas ou entre usuários e as próprias informações que circulam na Web. Para Blattmann e Silva (2007, p. 192) “A evolução da Web possibilita a criação de espaços cada vez mais interativos, nos quais os usuários possam modificar conteúdos e criar novos ambientes

² RUFINO, A.; TABOSA, H. R.; NUNES, J. V. **Redes Sociais: Surgimento e Desenvolvimento dos Micro-Bloggins**. 2010. Disponível em: <[http://www.infobrasil.inf.br/userfiles/26-05-S1-3-68061-Redes%20Sociais\(1\).pdf](http://www.infobrasil.inf.br/userfiles/26-05-S1-3-68061-Redes%20Sociais(1).pdf)>. Acesso: 01 nov 2011.

hipertextuais”, ou seja, com colaboração, interação e participação comunitária de conteúdos disponíveis ou produzindo conteúdos, classificando ou reformulando estes conteúdos.

A Web 2.0 pode ser considerada uma nova concepção, pois passa agora a ser descentralizada e na qual o sujeito torna-se um ser ativo e participante sobre a criação, seleção e troca de conteúdo postando em um determinado *site* por meio de plataformas abertas. Nesses ambientes, os arquivos ficam disponíveis *on-line*, e podem ser acessados em qualquer lugar e momento, ou seja, não existe a necessidade de gravar em um determinado computador os registros de uma produção ou alteração na estrutura de um texto. As alterações são realizadas automaticamente na própria *web*. (BLATTMANN e SILVA, 2007, p. 198)

Ou seja, se anteriormente a Web era estruturada por sites que disponibilizavam todo o conteúdo on-line e de forma estática, sem possibilidade de interação, com a mudança desta nova Web passou a ser possível uma conexão descentralizada, de comunidades de usuários com interesses em comum e com participação ativa dos usuários, consequência de uma plataforma aberta e mais dinâmica.

Bressan (2007/2008) defende, em linhas gerais, que a Web 2.0 está relacionada a uma segunda geração de serviços. Através de aplicativos da rede e de recursos, tecnologias e conceitos permitem maior interatividade e colaboração na utilização da Internet. Nas palavras do autor:

[...] usos espontâneos; contribuições dos usuários; escalabilidade facilitada; descentralização radical; serviço rápido personalizado; serviço massivo de micromercados; programa como um serviço; direito à modificação; participação – tudo isso através de interações que ocorrem em via dupla nas relações usuário-usuário, usuário-dados ou usuário-serviços/linguagens. (BRESSAN, 2007/2008, p. 5)

Neste sentido, Antoun (2008) nos resgata o que convencionou chamar de movimento Web 2.0, em 2000. Segundo ele, o blog Cluetrain Manifest era onde publicitários, marketeiros, empreendedores pensavam a Internet como algo capaz de revolucionar a publicidade, o marketing, os negócios em geral, todos desgastados pela mídia de massas. De acordo com estes profissionais, a Internet deveria ser como um Blog, ou seja, uma plataforma capaz de transformar o usuário em um produtor e cooperador das empresas, tornando o conhecimento de programação desnecessário. Para eles, nesta nova Web, a

publicidade se transformaria e passaria a ser uma honesta recomendação crítica de usuários, que se transformariam em sócios, na medida em que as empresas reconhecessem seu valor e cooperação, garantindo sua livre expressão e participação. Ou seja, “A cooperação, a colaboração, e a livre expressão seriam os instrumentos desta nova web que uniria empresários e usuários através da livre comunicação” (ANTOUN, 2008, p. 4).

Outro dado relevante que Antoun (2008) nos apresenta, e que para este trabalho é de total interesse, é que em 2003 essa nova Web também mostrou poderes políticos. Por exemplo, auxiliando os movimentos contra a guerra no Iraque. O blog “Move On” promoveu a primeira manifestação internacional descentralizada de massas e, pouco depois, o blog “Dean for América” arrecadou 40 milhões de dólares em contribuições para o candidato Howard Dean à indicação ao partido democrata. Para o autor, naquele momento, os blogs detinham o poder de organizar e noticiar as ideias oriundas dos grupos de discussão da Web. Grande fato relevante que também remete o artigo e que muito bem exemplifica este novo momento é que, em 2006, a tradicional revista Times elege o anônimo “Você” como o homem do ano, pela cooperação promovida através da nova Web entre usuários e empresas, sendo o You Tube o principal exemplo.

Antoun (2008) afirma que os blogs se tornaram a principal ferramenta para se comunicar na Internet após o cerceamento de sítios e grupos de discussão em rede no processo de radicalização da guerra em Rede e do recrudescimento do Zapatismo (movimento revolucionário mexicano) e dos movimentos antiglobalização iniciados em Seattle, no início da primeira década dos anos 2000. A entrada em cena da Internet na comunicação globalizada fez com que a guerra de informação dos estados e corporações esbarrasse na organização e dinâmica dos grupos de discussão dos movimentos sociais. Dessa forma, sobre os movimentos sociais afirma:

Pois desde o início a Internet permitira aos movimentos e às atividades sociais uma crescente emancipação em face das instituições e das comunidades tradicionais, permitindo que a informal fluidez do movimento social ganhasse força e duração através dos processos interativos da comunicação distribuída em rede. Mas os limites desta expressão será apropriado pelas empresas e estados e voltado violentamente contra esses movimentos a partir do final de 2001. (ANTOUN, 2008, p. 2)

Assim, Antoun (2008) conclui que conforme previsto no projeto inicial da Internet foi possível coordenar a reunião e a dispersão de participantes anônimos de uma ação virtual. Passou a ser possível manter a segurança, o anonimato, a integridade da comunicação e dos atores de um processo de luta. O autor utiliza como maior exemplo o rosto encoberto de Marcos, o líder Zapatista que fazia seus pronunciamentos anonimamente e que afirmava que a voz poderia ser de qualquer um que pertencesse à rede.

Enfim, é nesta nova Web, nesta nova rede e neste novo cenário digital que surgem as Redes Sociais na Internet, objeto de estudo deste trabalho. Um novo momento de interação, participação, mas a cima de tudo, de organização dos usuários. Muito mais colaborativa e interativa, possibilitando que os usuários sejam ativos no processo de comunicação.

2.2 Redes Sociais virtuais

Com as novas tecnologias e, conseqüentemente, com o desenvolvimento da Web 2.0, a interatividade passou a estar muito mais presente nessas tecnologias. Dessa forma, as Redes Sociais também. Neste tópico, estudaremos o conceito de Redes Sociais e, especificamente as Redes Sociais na Internet. Para isso, utilizaremos como autor principal Raquel Recuero. Acreditamos ser necessário teorizar sobre Redes Sociais para, posteriormente, compreender seu papel nas manifestações no Egito, que culminaram na revolução.

Segundo Recuero (2009), uma Rede Social é composta por atores e suas conexões. Os atores são as pessoas, instituições ou grupos, os nós da rede, ou seja, que fazem parte da Rede. As conexões são os laços sociais (a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações) formados através da interação social entre os atores e podem ser percebidas de diversas maneiras, através da ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. A autora complementa afirmando que “De certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos.” (RECUERO, 2009, p.

30). Ou seja, para a compreensão das Redes Sociais, o foco principal são os laços desenvolvidos entre os atores desta Rede.

Para melhor compreendermos a interação social é necessário estudar a comunicação entre os atores. Compreender as relações entre as trocas de mensagens. Ou seja, perceber como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas.

A Comunicação mediada pelo computador modificou profundamente as formas de organização, identidade, conversão e mobilização social. Para além da comunicação entre os indivíduos, foi ampliada a capacidade de conexão, ou seja, redes sociais, entretanto, agora mediadas pelo computador. A tendência é que essas novas relações sociais gerem laços sociais. Essa nova ferramenta de comunicação possibilita que os atores possam interagir com outros atores de maneira que, conforme aponta Recuero (2009, p. 24), “deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros.”

Dessa forma, compreender estes rastros é identificar valores nas conexões sociais e no papel da Internet na transformação da percepção destes valores. As Redes Sociais na Internet passaram a ser a expressão das Redes Sociais como um todo.

Para isso, é fundamental compreender também as Redes Sociais em si. As relações (caracterizadas por conteúdo, direção e força), os laços sociais (que conectam pares de atores através de uma ou mais relações), a multiplexidade (quanto mais relações um laço social possui, maior a sua multiplexidade) e composição do laço social (derivada dos atributos individuais dos atores envolvidos). O estudo de Redes Sociais procura também levar para a sociedade os elementos principais estudados em uma rede.

Na realidade, a força da abordagem de redes sociais está em sua necessidade de construção empírica tanto qualitativa quanto quantitativa que busca, a partir da observação sistemática dos fenômenos, verificar *padrões* e *teorizar* sobre os mesmos. Estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais. (RECUERO, 2009, p. 21)

O processo de interação entre os atores resulta nos processos dinâmicos das Redes, tais como ordem, caos, agregação, desagregação, ruptura. Recuero (2009) coloca que a capacidade de agregar novas pessoas ou que outras rompam com o grupo é uma das dinâmicas mais esperadas em grupos sociais e, para isso, muitos estudiosos chamam de “clausterização”.

Novos padrões de interação e sociabilidade são consequência da adaptação das pessoas aos novos tempos. Mas, principalmente para nosso objeto de estudo, consideraremos as novas organizações sociais destes novos tempos.

Para tanto, segundo nos aponta Recuero (2009), é necessário “circularidade” das informações, de maneira que os processos sociais coletivos mantenham a estruturação social e a interação. Atualmente, com a mediação do computador, toda essa interação social é transportada a um novo espaço, o ciberespaço. Dessa forma, tendem a surgir novas estruturas sociais e grupos, que anteriormente não poderiam interagir livremente. Melhor exemplo disso é o caso do Egito, que primeiramente, devido a Lei de Emergência e a repressão estatal vigente, era muito difícil organização e interação entre os descontentes com o governo. Entretanto, o uso de Redes Sociais passou a ser a grande ferramenta de socialização de informação e de organização. Isso mostra a capacidade de adaptação do uso das Redes Sociais na Internet.

Para a autora, o aparecimento de Redes Sociais na Internet pode ser considerado como uma forma de comportamento emergente e de auto-organização, uma vez que dentro de sistemas caóticos é possível o aparecimento de ordem através de auto-organização e a adaptação dos sistemas. Por isso, para o estudo dos elementos destas redes, é necessário compreender que não são estáticas, não estão paradas, mas, principalmente, dependem do contexto que estão inseridas, dessa forma, tendem a apresentar comportamentos inesperados.

Entretanto, conforme nos explica Recuero (2009), as Redes Sociais virtuais por si só não significam, necessariamente, uma Rede Social real, mas podem auxiliar a existência de tal.

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2009, p. 103).

Ou seja, Sites de Redes Sociais representam um sistema focado em expor e publicar as Redes Sociais dos atores, não sendo estes Sites Redes Sociais em si. O foco principal é a exposição pública das Redes conectadas aos atores, dessa maneira a finalidade em si está em publicizar essas Redes reais. Isso se aplica ao Orkut, Facebook e tantos outros. Nestes sistemas existem perfis e espaços específicos para expor as conexões entre os indivíduos. Também é característico destas Redes a capacidade de difundir informações, através de conexões existentes entre seus usuários. Isso alterou de forma significativa os fluxos de informação na própria Rede. Recuero (2009, p. 116) aponta que “O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais.”

Dessa maneira, o resultado das interações e processos de conflitos, cooperação e competição resultaram da difusão das informações. É fundamental o estudo destas novas Redes para compreender como um grupo estrutura-se e essa estrutura é alterada. A dinâmica das Redes contribui para a compreensão da percepção dos contextos e interações dos atores que delas fazem parte. Muitas são as informações difundidas *off-line*, mas atingem grandes proporções quando também difundidas de forma *on-line*, atingindo um apelo informacional maior, utilizando-se, por exemplo, de notícias e vídeos. Porém, é preciso entender que, informações que passam na Internet, são oriundas da “vida real”.

“Entretanto, é preciso compreender que estudar redes sociais na Internet é estudar uma possível rede social que exista na vida concreta de um indivíduo, que apenas utiliza a comunicação mediada por computador para manter ou criar novos laços. Não se pode reduzir a interação unicamente ao ciberespaço, ou ao meio de interação. A comunicação mediada por computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais,

mas isso não quer dizer necessariamente que tais laços sejam unicamente mantidos no ciberespaço.” (RECUERO, 2009, p.144)

A partir disso, podemos compreender que a comunicação mediada pelo computador está modificando as relações sociais contemporâneas. É preciso entender a Internet como ferramenta de organização social e informação. Dessa forma, visualizar os novos valores construídos, novas formas complexas em larga escala de fluxo de informação e de mobilização, emergindo do ciberespaço.

2.3 Facebook

Vimos anteriormente a origem da Internet e seu desenvolvimento, a Web e a Web 2.0. Estudamos as Redes Sociais e sua organização virtual. Neste momento, vamos refletir especificamente sobre a principal ferramenta das Redes Sociais utilizada na revolução do Egito: o Facebook. Para isso, faremos um breve apanhado sobre a sua criação. Além disso, traremos dados relevantes sobre sua utilização e abrangência. Por fim, elucidaremos a respeito de sua funcionalidade e utilização, especificamente no Brasil, como forma de demonstrar que seu uso é uma tendência global.

Criado pelo americano Mark Zuckerberg, naquele momento aluno de Harvard, foi um projeto iniciado em 2003. Foi originalmente chamado de thefacebook e lançado em 2004. Entretanto, apenas em 2006 o Facebook tornou-se aberto a qualquer pessoa que desejasse se inscrever. Conforme relata Recuero (2009), no princípio, o foco estava nos alunos recém saídos do secundário (High School, nos Estados Unidos) e que estavam entrando na universidade. Entretanto, atualmente, é um dos sistemas com maior base de usuários do mundo e com maior tráfego.

O foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para entrar neles, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. (RECUERO, 2009, p. 172)

O Facebook é uma empresa privada que tem seu funcionamento através de perfis e comunidades. Muitas vezes, é percebido, dentre os sites de Redes Sociais, como o mais privado. Isso acontece por que apenas os usuários que fazem parte da mesma rede podem acessar uns os perfis dos outros. Ou seja, é necessário estar na Rede para acessar a Rede. Uma inovação bastante significativa do Facebook é a possibilidade de usuários criarem aplicativos para o sistema. Suas buscas são muito detalhadas, possibilitando procurar alguém pela religião, local de estudo ou trabalho, por exemplo.

Conforme dados disponíveis no Site³ da empresa, o objetivo do Facebook é ajudar, com mais eficiência, as pessoas a se comunicarem com amigos, familiares, colegas de trabalho. Foram desenvolvidas tecnologias para facilitar o compartilhamento de informações através de gráfico social, o mapeamento digital das conexões sociais entre as pessoas. O Facebook é composto por funções básicas do Site e aplicações. Duas características fundamentais são a página inicial, que inclui a atualização dos amigos, e o perfil, que exibe informações sobre o indivíduo, suas áreas de interesse e contato. Também inclui aplicativos básicos como fotos, eventos, vídeos, grupos, páginas, que possibilitam as pessoas acessarem a compartilharem informações. Além disso, também permite que as pessoas se comuniquem através de bate-papo, mensagens pessoais, atualizações de status.

Segundo dados disponíveis da própria empresa⁴, atualmente, o Facebook possui mais de 800 milhões de usuários ativos, ou seja, considerando aqueles que acessaram nos últimos 30 dias. É interessante refletir que cada usuário tem em média 130 amigos. Além disso, mais de 70 idiomas estão disponíveis no Site e mais de 75% dos usuários estão fora dos Estados Unidos, país onde foi criado.

³ FACEBOOK. **Factsheet**. 2011. Disponível em: <http://www.facebook.com/press/info.php?factsheet>. Acesso em: 15 nov 2011.

⁴ FACEBOOK. **Statistics**. 2011. Disponível em: <http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>. Acesso em: 15 nov 2011.

No Brasil, seu uso está sendo extremamente difundido. Segundo pesquisa⁵ realizada em setembro deste ano, a Rede Social atingiu a marca de 30,9 milhões de usuários brasileiros, representando 64% dos internautas. De acordo com a mesma pesquisa, 77,8 milhões de cidadãos brasileiros acessam a Internet, seja no domicílio, ou no trabalho, em lan houses, na escola. Na África, continente onde está localizado o Egito, objeto de nosso estudo, são cerca de 30 milhões de usuários neste período, segundo o Site de estatísticas *Internet world Status*⁶, com dados divulgados em junho deste ano. Ou seja, a utilização do Facebook é uma tendência em larga escala.

No Brasil, em particular no ano de 2011, as Redes Sociais, especialmente o Facebook, inauguram uma nova forma de fazer manifestações. Vamos utilizar os exemplos concretos do Brasil no último período como forma de demonstrar que o uso das Redes na organização de mobilizações e difusão de informações não é uma particularidade do Egito, mas uma tendência mundial.



Figura 1 – Marcha da Liberdade no Brasil ocorreu em mais de 41 cidades do país e foi totalmente organizada através do Facebook. O protesto uniu ativistas de várias causas. Disponível em: <http://www.substantivoplural.com.br/wp-content/uploads/2011/06/MARCHA-DA-LIBERDADE.jpg> Acessado em: 18 de novembro de 2011.

⁵ UOL. Facebook passa Orkut. 2011. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/09/10/facebook-passa-orkut-em-numero-de-usuarios-no-brasil-em-agosto-confirma-ibope.jhtm>. Acesso em: 15 nov 2011.

⁶ IOS. Internet World Satus. 2011. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/facebook.htm>. Acesso em: 15 nov 2011.

Sem influência direta de partidos políticos e sindicatos e sem a possibilidade de identificação de grandes lideranças, a juventude brasileira volta às ruas em 2011. Dessa maneira, manifestações voltaram a fazer parte do cenário brasileiro este ano. Grande dado relevante a respeito destas mobilizações é que em sua maioria iniciaram, foram construídas e foram convocadas pela Internet. Parte dos jovens passou a encarar a política e a organização social de maneira diferente.



Figura 2 – Marcha das Vadias no Brasil. Movimento que busca a igualdade de gênero. Ocorreu em algumas cidades e foi totalmente organizado pela Internet. Disponível em: <http://www.substantivoplural.com.br/wp-content/uploads/2011/06/MARCHA-DALIBERDADE.jpg> Acessado em: 18 de novembro de 2011.

Segundo pesquisa divulgada na Revista Carta Capital, a maioria dos entrevistados acredita ser possível fazer política apenas por Internet.

Em uma recente pesquisa Datafolha, feita em parceria com a agência de publicidade Box, 71% dos entrevistados afirmaram ser possível fazer política sem intermediários, apenas por meio da internet. A tendência não é exclusividade brasileira, como se pôde observar nas manifestações convocadas por redes sociais que derrubaram ditadores do mundo árabe e paralisaram cidades na Espanha e em outras nações europeias. (CARTA CAPITAL, 2011, p. 24)

Para a revista, o que justifica essa nova realidade é o fato de que os movimentos sociais atuais são formados por jovens com um novo perfil, ou seja, muitos que estão submetidos a condições precárias de estudo e trabalho, cada vez mais sem garantias e direitos consolidados, sem casa própria e cansados de uma realidade de violência. Entretanto, o que todos esses jovens têm em comum é estarem conectados à Internet. Logo, menos dependentes de lideranças e da mídia tradicional para se manterem informados. Para a Carta

Capital, a juventude passou a reagir a essa realidade a cima descrita e por conta própria. Se anteriormente vivíamos num sistema de representações e com pouco espaço para manifestação de opiniões, hoje, com as Redes Sociais, foi eliminada a necessidade de intermediadores e aumentou a participação social.

O estudante de filosofia Fabrício Muriana, 26 anos, não é filiado a partidos políticos ou movimentos sociais. Nem por isso deixa de ser um ativista. Participa de coletivos que reivindicam mais segurança para os ciclistas, de grupos que discutem a democratização das novas tecnologias, e integrou, recentemente, três grandes protestos na capital paulista. Marcou presença no churrasquinho da gente diferenciada, em Higienópolis, numa reação a uma associação de moradores que rejeitava uma estação de metrô no bairro, juntou-se às feministas na Marcha das Vadias e engrossou as fileiras da chamada Marcha da Liberdade, convocada para protestar contra a repressão policial à Marcha da Maconha. “Todos podem participar e debater em fóruns da internet. Você pode até ver a participação de sindicatos e movimentos sociais organizados nessas manifestações, mas nenhum deles se apropria do movimento”, diz Muriana. (CARTA CAPITAL, 2011, p. 25)

O trecho a cima é um claro exemplo das novas formas de organização da juventude e de participação política. O jovem entrevistado, embora não se organize em partidos ou movimento sociais típicos, é um ativista político, conectado com os novos tempos. Nestes novos tempos, as Redes Sociais, em especial o Facebook, têm um papel extremamente importante.

3 A REVOLUÇÃO NO EGITO

A Primavera Árabe marca um novo cenário político no mundo. 2011 iniciou com importantes revoluções e transformações políticas e sociais, do norte da África ao sul da América Latina, alterando as relações humanas e culturais de inúmeros países. Neste contexto, o Egito teve um papel muito importante. A massiva participação popular em protestos que inundaram as ruas do país e a larga utilização das Redes Sociais, em particular do Facebook, demonstram uma nova forma de organização social.

Para melhor compreendermos os fatos e o papel do Facebook, iniciaremos este capítulo retomando o contexto histórico do país, desde sua independência até a queda do ditador Mubarak. Através do resgate da situação de crise social e política, pretendemos identificar quais foram os atores desta revolução. Além, é claro, de compreender de que forma se organizavam e utilizavam as Redes Sociais para isso.

3.1 Contexto Histórico

Para entender a revolução no Egito é preciso primeiramente compreender seu processo histórico. Neste capítulo, faremos um breve apanhado, desde a independência, passando pela luta nacionalista, chegando até a entrada de Hosni Mubarak no poder e a levada da mobilização social que o derrubou. Acreditamos que este resgate é importante para compreendermos a trajetória de lutas daquele povo e as origens históricas dos conflitos. Dessa forma, levantaremos apenas datas relevantes e significativas que dizem respeito à dominação política e mobilização social.

A Revista Dossiê Le Monde Diplomatique Brasil nos apresenta um breve e excelente resgate da história do Egito. Iniciaremos com o dia 21 de fevereiro de 1922, quando é concedida a independência do Egito pela Grã-Bretanha, que ocupava o país desde 1882.

Grandes manifestações contra os britânicos iniciaram em 1946, organizadas pela Comissão Nacional dos Trabalhadores e Estudantes.

Em 23 de julho de 1952, sob a liderança do general Nasser, encabeçando a resistência anti-colonialista regional e impulsionando as revoluções democráticas de um Estado nacional independente, a monarquia do Rei Faruk foi derrubada e “A revolução de 1952 deu à luz a um Estado nacional independente que constitui o alvo fundamental da ofensiva imperialista e sionista” (REVISTA DOSSIÊ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2011, p. 77). Nasser levou a cabo um programa que além de liquidar a Monarquia, concluiu o processo de independência em relação à Inglaterra, acelerou a industrialização nacional e realizou uma reforma agrária.

Para lidar com as tarefas eminentemente complexas de uma verdadeira independência nacional – que implica reconquista do poder de decisão sobre as esferas da vida social (econômica, militar, política, cultural) -, as massas populares se orientam em direção a um aprofundamento do componente democrático do movimento nacional, o que coloca o problema da democracia econômica e social. A ineficiência da grande burguesia egípcia tradicional tinha levado Nasser a criar um setor público avançado, lançar ondas de egipcionalização e nacionalização, optar pela planificação econômica e priorizar a industrialização – principalmente indústria pesada e eletrificação -, em conjunção com a reforma agrária. Em 1962, o Congresso Nacional das forças populares optava mesmo pelo ‘socialismo científico’, inscrito na Carta de Ação Nacional, da qual resultava a formação da União Socialista Árabe (USA). (REVISTA DOSSIÊ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, 2011, p. 78)

Em 1956, Nasser nacionalizou o Canal de Suez, assegurando a retirada dos ingleses que até então o exploravam, e o tornando uma importante fonte de renda para o país. Logo após, em 1958, Egito, Síria, Sudão, Líbano e Iraque fundam a “República Árabe Unida”, expressão do pan-arabismo (movimento político de união dos países de língua e civilização árabe, numa grande comunidade de interesses). Entretanto, os EUA invadiram o Líbano para conter a expansão pan-arábica. Assim, em 1967, se completa a derrota contra Nasser, quando Israel ataca os territórios egípcios e quadruplica seus territórios, a conhecida Guerra dos Seis Dias. Segundo Samir Amin⁷ (2011), nesta guerra, Washington expõem seus objetivos para a região.

⁷ AMIN, Samir. **Geopolítica do imperialismo contemporâneo**. 2004. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/hegemo/pt/Amin.rtf. Acesso em: 12 nov 2011.

A guerra de 1967, planejada com Washington desde 1965, perseguia diversos objetivos: amortecer a derrocada dos regimes nacional-populistas, romper sua aliança com a União Soviética, obrigá-los a reposicionar-se sob as ordens estadunidenses e abrir terras novas para a colonização sionista. Nos territórios conquistados em 1967 Israel pôs em prática um sistema de *apartheid* inspirado no da África do Sul. (AMIN, 2011).

Ou seja, para AMIN (2011), é neste momento que se consolidam os interesses do capital dominante mundial com os interesses sionistas, formando uma grande aliança entre as potências ocidentais e Israel. Para o autor, não seria interessante para esta aliança um mundo árabe modernizado, rico e potente, pois questionaria o saqueio dos países ocidentais aos recursos petrolíferos.

Em 1970 morre Nasser e assume Anwar Sadat. Em 1973 ocorre a Guerra de Outubro entre Egito, aliado com a Síria, e Israel. Em janeiro de 1977, eclodem grandes tumultos por todo o país por causa da fome que passava a população. Neste episódio, quase setenta pessoas foram mortas e milhares foram detidas.

No dia 26 de março de 1979, um tratado de paz é assinado entre Israel e Egito, em Washington. Em 1981 o presidente Sadat é assassinado e, dessa forma, Hosni Mubarak é o sucessor.

Este breve resgate é importante para a compreensão da trajetória política e militar do Egito. Além de facilitar o entendimento das origens históricas que, ao fim, resultaram na revolução de fevereiro de 2011.

Além disso, também é importante compreendermos que a localização do Egito é estratégica no mundo árabe. O país é um corredor entre as grandes potências petrolíferas como Arábia Saudita, Emirados Árabes, Kuwait. Também é o maior influente do Magreb, o noroeste da África. Dessa forma, o controle político e econômico da região significa o controle da estabilidade egípcia, além, claro, da grande importância financeira. Dessa forma, compreenderemos por que a fronteira do Monte Sinai no Egito é um território sob custódia militar de Israel.

Diante de tamanha importância geopolítica e financeira, os Estados Unidos sempre tiveram interesse na região. Segundo Dutra e Fuentes (SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 7), os EUA, desde 1981, financiaram e equiparam o exército do regime Mubarak e a Europa tem sido a principal exploradora econômica dos povos da região. Para Amin (2011) “Apesar dos signos de irritação evidentes depois da guerra do Iraque, os europeus continuam, em seu conjunto e no que se refere ao Oriente Médio, dançando conforme a música de Washington”. Essa é uma das explicações de que quando iniciaram as mobilizações no Egito em 2011, países europeus apoiaram Mubarak. Dessa maneira, a queda do ditador pode significar o fim da política seguida pelos EUA no norte da África e no Oriente Médio.

Conforme declaração do jornalista egípcio Hossam el-Hamalawy à Revista Carta Maior⁸, podemos tornar mais compreensíveis as relações entre Mubarak e os Estados Unidos.

Mubarak é o segundo maior beneficiário da ajuda externa dos EUA, depois de Israel. Ele é conhecido como o capanga dos EUA na região; é um dos instrumentos da política externa dos EUA, que implementa seu programa de segurança para Israel e assegura o fluxo sem problemas do petróleo enquanto mantém os palestinos confinados. De modo que não é nenhum segredo que esta ditadura goza do respaldo de governos dos EUA desde o primeiro dia, inclusive durante a enganosa retórica em favor da democracia protagonizada por Bush. Por isso, não há surpresa diante das risíveis declarações de Clinton, que mais ou menos defendiam o regime de Mubarak, já que um dos pilares da política externa dos EUA é manter regimes estáveis a custo da liberdade e dos direitos civis. (CARTA MAIOR, 2011).

Embora não sejam ditaduras clássicas, as autocracias do norte da África se mantiveram no poder por meio da violência de Estado. São regimes totalitários que organizam eleições totalmente manipuladas. Ao redor de seu poder formou-se uma grande burguesia corrupta e servente ao imperialismo que passou a controlar grandes setores econômicos. Estas autocracias brotaram do processo reacionário após a era de independências nacionais da região. O Egito, desde 1981, é o principal aliado dos EUA para sustentar o Estado de Israel. Também por isso, os EUA equiparam e financiaram

⁸ LEVINE, Mark. **Jornalista e blogueiro egípcio fala sobre rebelião.** Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17345. Acesso em: 12 nov 2011.

diretamente o exército de Mubarak. Além disso, a região é economicamente dependente do imperialismo europeu.

Todo este resgate, iniciado desde o processo de independência do Egito, que passou pelos principais conflitos e momentos de convulsão social e que, por fim, chegou na era Mubarak, foi importante para compreendermos historicamente o processo político da região. Além disso, entender os interesses dos Estados Unidos e dos países europeus também auxilia na compreensão das relações de dominação e exploração econômica do país.

Na sequência, iremos aprofundar o entendimento do período que antecedeu a revolução no Egito. Compreenderemos em que contexto político e social vivia o povo egípcio naquele momento e quais foram os momentos mais relevantes que contribuíram para o levante popular que culminou na revolução egípcia.

3.2 Como a crise mundial afetou o Egito

Anteriormente resgatamos brevemente a cronologia histórica do Egito, começando pela sua independência em 1922 até a entrada de Mubarak no poder, em 1981. Neste momento, iremos elucidar a situação econômica e social em que se encontrava o país nas vésperas da revolução. Dessa maneira, isto nos auxiliará a compreender o contexto histórico e os motivos sociais que mobilizaram o povo egípcio.

Para entendermos o processo histórico e as conseqüências que levaram a revolução no Egito, precisamos começar com a crise econômica mundial iniciada em 2007, pois foi na sua esteira que poderosas revoluções democráticas e populares varreram o norte da África posteriormente. Dessa maneira, conseqüentemente, demandas de trabalho e salários se combinaram com a luta social e extrapolaram exigências pontuais. Passou-se a exigir democracia no mundo árabe.

Para Dutra e Fuentes (2001), o mundo árabe talvez tenha sido o que mais sofreu com a crise econômica mundial. Segundo os autores, a crise aumentou o empobrecimento das massas, atingindo a juventude. Na Tunísia, 60% da população possui menos de 30 anos e destes jovens, 50% estão desempregados. Neste contexto, o preço do pão chegou ao absurdo aumento de 200%. O desemprego, agravado pela crise, foi um trampolim das revoltas, gerando, o que se chamou de Primavera Árabe.

Neste contexto de crise e de regimes ditatoriais, surge a Primavera Árabe. Segundo o Wikipédia⁹, a enciclopédia virtual livre, foi uma onda revolucionária que varreu o Oriente Médio e o Norte da África.

Os protestos no mundo árabe em 2010-2011, também conhecidos como a Primavera Árabe, uma onda revolucionária de manifestações e protestos que vêm ocorrendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 18 de dezembro de 2010. Até a data, tem havido revoluções na Tunísia e no Egito, uma guerra civil na Líbia; grandes protestos na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. Os protestos têm compartilhado técnicas de resistência civil em campanhas sustentadas envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como Facebook, Twitter e Youtube, para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face de tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados. (WIKIPÉDIA, 2011).

Na Tunísia, primeiro país com grandes mobilizações, ocorreu a Revolução dos Jasmins. Manifestações iniciaram logo após um jovem verdureiro desesperado e cansado de pagar propina para a polícia, não conseguindo mais sustentar sua família, atear fogo em seu próprio corpo cometendo suicídio. Este ato desencadeou uma onda de protestos no país. O povo começou a sair às ruas em dezembro de 2010 e derrubou o regime de Ben Ali em 14 de janeiro de 2011. A Revolução dos Jasmins se espalhou pelo mundo árabe. O povo do Egito, inspirado neste exemplo, também saiu às ruas para protestar. Depois de 18 dias de mobilizações revolucionárias, acabou com o “faraó do Egito” Mubarak.

⁹ WIKIPÉDIA. **Primavera árabe**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe. Acesso em: 16 nov 2011.



Figura 3 – Manifestantes protestam na Tunísia. Disponível em:
<http://blogem.salesianoregoceanica.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Manifesta%C3%A7%C3%B5es-na-Tun%C3%ADsia.jpg> e
http://26.media.tumblr.com/tumblr_lg4q60vJBT1qz80pso1_500.jpg
 Acessado em: 18 de novembro de 2011.

Para compreendermos melhor a precária situação que o povo do Egito se encontrava, podemos observar o trecho que segue de uma entrevista realizada com Amr Abdulah, uma das principais lideranças na Praça Tahir, para Fred Henriques (2011) à Revista Socialismo & Liberdade:

Nesses últimos anos, as pessoas passaram a sofrer mais. Fred, você pode imaginar uma pessoa vivendo com 150 libras egípcias por mês? Isso dá menos de 30 centavos de dólares por dia. Em nosso país, temos mais de metade da população abaixo da linha da pobreza. Você imagina todos os dias ouvindo seu filho: “pai, eu estou com fome”. (REVISTA SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 17)

Era neste contexto, de pauperização social e falta de liberdades democráticas, que se encontrava o Egito. Um conjunto de situações e motivos fez com que o povo fosse às ruas para protestar. Havia muita violência policial e a existência de leis que colocavam o país em estado de exceção, ou seja, restringindo os direitos civis. Havia muito desemprego e os salários eram muito baixos. As condições de vida estavam ruins e as pessoas não tinham moradia. Além disso tudo, grande falta de liberdade de expressão e um “presidente” há 30 anos e um governo acusado de muita corrupção. Todos estes fatores eram o reflexo social de como a crise havia afetado o Egito.

Neste ponto, verificamos o contexto social em que se encontrava o Egito nas vésperas da revolução. Na sequência, iremos analisar como a crise social no país se converteu em mobilização social. Quais foram as ações e os atores que fizeram a revolução.

3.3 O reflexo da crise nas mobilizações egípcias

Anteriormente levantamos o contexto social gerado pela crise mundial no Egito. Resgatamos as mobilizações que ocorreram no Oriente Médio e norte da África. Explicitamos a Revolução dos Jasmins na Tunísia, que foi a propulsora da Primavera Árabe e que influenciou diretamente a revolução egípcia.

Neste momento, nosso objetivo é resgatar a revolução no Egito. Entendermos como começou e quais foram os protagonistas e as ferramentas.

Sobre o conceito de revolução compreendemos como um processo histórico de subversão da ordem, para o estabelecimento de um novo panorama político, econômico e social. Não compreendemos simplesmente como a tomada de poder do Estado por setores revolucionários. Ou, como bem descreve Florestan Fernandes:

(...) a palavra “revolução” encontra empregos correntes para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorrem na natureza ou na cultura (coisas que devemos deixar de lado e que os dicionários registram satisfatoriamente). No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas na estrutura da sociedade. Daí o contraste freqüente de “mudança gradual” e “mudança revolucionária”, que sublinha o teor da revolução como uma mudança que “mexe nas estruturas”, que subverte a ordem social imperante na sociedade. (FERNANDES, 1984, p.8)

Utilizando-nos de Florestan Fernandes justificamos que o processo que ocorreu no Egito foi uma revolução. Uma vez que causou drásticas mudanças estruturais de poder no país. Entretanto, está sendo uma revolução democrática, pois ainda está ocorrendo o processo de transição dos militares para a democracia.

Dutra e Fuentes (SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011) resumem bem as motivações democráticas para tal.

As principais bandeira “Abaixo Bem Ali” e “Abaixo Mubarak” por uma Assembleia Constituinte expressam que a revolução é, em sua primeira fase, essencialmente democrática. Combina também a luta anticapitalista contra a corrupção e contra o poder das grandes famílias burguesas que controlam uma importante parte da economia

dos países, e também consignas antiimperialistas de independência dos países. (REVISTA SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 7)

Em entrevistas e matérias na revista Socialismo & Liberdade, muitas são as questões colocadas que impulsionaram as mobilizações. Algumas delas são as péssimas condições de trabalho, a ditadura, que inclusive havia coibido a entrada de outros partidos no parlamento, a grande influência da revolução tunisiana. Além disso, o grande peso da participação da juventude, muitos dos quais, jovens diplomados, mas sem trabalho.

Desde 2008 já ocorriam importantes greves operárias no Egito, mesmo com os sindicatos sendo perseguidos e não havendo uma central sindical que unificasse todas as demandas e lutas. A isso se somou um grande movimento popular que uniu a classe média, os jovens empobrecidos, os trabalhadores, os intelectuais.

Os sujeitos da revolução são apontados pelo El País: “Quem faz a revolução? São pessoas de todos os estamentos sociais, desde as classes mais altas às mais baixas. Mulheres, crianças, adolescentes, estudantes de medicina ou ativistas de direitos humanos, camareiros ou farmacêuticos, também há uma grande maioria de desempregados. Fecharam as ruas para pedir que devolvam seu país. Não têm um perfil determinado e o governo não é capaz de encarcerá-los. Saíram às ruas em todos os pontos do país e não pensam em voltar às suas casas até que alcancem o que almejam: liberdade, segurança, bem-estar, pão e democracia” (REVISTA SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p 7)

Com base na revista citada, apresentaremos agora uma sequência cronológica dos principais fatos políticos que ocorrerem no Egito no último período. Avaliar estes fatos é importante para entender o período e as consequências que levaram à revolução egípcia.

No dia 6 de abril de 2008, greves massivas estouram no Egito. O principal motivo era a situação precária de trabalho. Milhares de jovens saem às ruas em apoio às greves. Além disso, pediam também o fim da Lei de Emergência vigente no país, mas, principalmente, exigiam a saída do ditador Mubarak. A partir disso, nos meses que se seguem, greves passam a ser constantes no país.

Dois anos depois, um importante caso ocorre. Em 6 de junho de 2010, Khaled Said é assassinado pela polícia em Sidi Gaber, na Alexandria. Este fato é de extrema relevância para este trabalho, pois é quando a Internet começa a

tomar um papel importante na divulgação dos fatos e na comoção social. Khaled gravou um vídeo em que apareciam policiais repartindo dinheiro da venda de hashishe, uma droga ilegal, nos becos de Alexandria e compartilhou entre seus amigos na Internet. Por consequência deste vídeo ele foi preso. Depois disto, foi morto. A polícia e o Ministro do Interior declararam que a causa da morte do jovem teria sido por sufocamento, em virtude de ter engolido droga. Entretanto, o corpo do rapaz quando encontrado era completamente desfigurado. A partir deste episódio, o povo saiu às ruas em luto, mas principalmente, contra a tortura e a repressão policial. Embora a imagem seja extremamente chocante, nos permitiremos aqui reproduzir a foto do corpo de Khaled Said, prova irrefutável de que a versão oficial dada pela polícia era incrível.



Figura 4 – Imagem de Khaled Said vivo e morto. Disponível em: http://cdn2.likethedew.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2011/02/Khalid_Said_before_after.jpg
Acessado em: 18 de novembro de 2011.

A data 25 de janeiro de 2011 é quando iniciam os grandes protestos. Com a queda de Bem Ali, na Tunísia, muitos grupos acreditam ser a grande oportunidade de iniciar manifestações. Através do Facebook, passam a convocar protestos. Dia 28 de janeiro é o “Dia da Fúria”. O governo preocupado com as mobilizações suspende a Internet e a telefonia móvel do país. Mesmo assim, durante a madrugada, centenas de milhares de pessoas ocupam as ruas do Egito. Ocorreu um grande enfrentamento com a polícia, diversas vezes

citada como sinônimo de violência, corrupção e autoritarismo, que saiu derrotada no fim do dia. Assim, muitas delegacias são incendiadas, e também o prédio do Partido Nacional Democrático – PND, partido governista. A partir desta data, os primeiros tanques de guerra do Exército tomam as ruas.



Figura 5 – Imagens dos confrontos entre populares egípcios e a polícia. Disponível em: http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2011/09/129_1024-alt-09-MHG-Egito1.jpg e <http://f.i.uol.com.br/folha/mundo/images/11025330.jpeg>
Acessado em: 18 de novembro de 2011.

No dia 31 de janeiro de 2011 milhares de ativistas se unem novamente e se estabelecem na praça Tahir. Mas, dia 2 de fevereiro a repressão é muito grande. Mubarak liberou presos comuns e pagou policiais à paisana, fato denunciado em diversos canais de televisão na época, para atacarem os manifestantes. Aqueles utilizavam cavalos, coquetéis molotov e armas automáticas. Após longas e intensas horas de combate, a população derrotou os então “manifestantes” pró-Mubarak.



Figura 6 – Confronto entre manifestantes anti-Mubarak e defensores do ditador.
Disponível em:

http://1.bp.blogspot.com/_Yvq6gsdlbjl/TUmeJv99WUI/AAAAAAAAACnk/tcgGIA5ydXQ/s640/Egito.jpg Acessado em: 18 de novembro de 2011.

Dia 11 de fevereiro é o grande dia. Após dezoito dias consecutivos de protesto, milhões de egípcios continuam exigindo a queda de Mubarak. Nesta data, os trabalhadores do transporte público paralisam e uma greve geral foi chamada para o dia seguinte. Por consequência de tamanhas mobilizações e pressão popular, o então presidente Mubarak deixa a capital Cairo e vai de avião até o balneário de Sharm El-Sheikh, no Mar Vermelho. De lá, faz um pronunciamento anunciando sua renúncia ao cargo de Presidente do Egito. Milhões de Egípcios saem às ruas para comemorar.

Milhões de egípcios resistiram na Praça Tahrir até que Mubarak caiu. As massas perderam o medo e derrotaram o aparato repressivo do velho regime nas ruas tanto no Egito como na Tunísia. Em ambos os países o exército evitou o confronto aberto com a mobilização para, dessa maneira, poder salvar a instituição fundamental do estado burguês. Nos dois países, a população mobilizada defendeu, com sua auto-organização, a segurança das ruas e bairros. Foi ocupada uma grande parte das sedes da polícia, dos partidos do poder e instituições. O mais gritante foi o assalto que se fez no Egito às sedes da polícia segregada que teve que ser dissolvida pelo governo. (REVISTA SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 8)

A força da mobilização popular espontânea abriu na Tunísia e no Egito uma crise revolucionária e uma situação de dualidade de poder. Em ambos países como falávamos a cima, depois da queda de braços entre os novos governos e o povo mobilizado conquistou-se as Assembleias Constituintes. No Egito, a resistência de Mubarak foi desesperada. Mubarak organizou uma ação contra revolucionária com polícias de civil, e até camelos e cavalos, que foram comprados por cerca de 30 dólares. Foi a tentativa de fazer uma ação contra-revolucionária, mas foi derrotada. O povo enfrentou e uma posterior greve dos transportes públicos foi convertida no dia seguinte em greve geral. O ditador não resistiu e caiu.

São exemplos de vitórias, incompletas, insuficientes, mas arrancadas pelo povo, mais concretamente pelo proletariado, não concedidas pela burguesia branca nem pelos países imperialistas. A queda das ditaduras no norte da África são também vitórias democráticas revolucionárias. Não ver isso é uma miopia política total. (SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 4)



Figura 7 – Milhares de egípcios tomam a Praça Tahir e comemoram a queda do ditador Mubarak. Disponível em:

https://lh3.googleusercontent.com/_HZm55lfyLqs/TVWRe1vaHyl/AAAAAAAAzDs/bOVO70HOeXQ/110211EgitoGetty.jpg Acessado em: 18 de novembro de 2011.

Neste capítulo vimos um breve resgate histórico sobre a história recente do Egito. Buscamos contextualizar o período de crise que passava o país e de que forma refletiu na organização social.

Por fim, levantamos os principais fatos que contribuíram para o levante popular e que acabaram culminando na revolução. Na sequência, iremos apresentar a metodologia utilizada para a construção deste trabalho.

4. A REVOLUÇÃO NO EGITO VISTA ATRAVÉS DO FACEBOOK

Neste capítulo, buscaremos alcançar nosso objetivo através da hipótese que a revolução do Egito passou pelas Redes Sociais na Internet.

O ativismo através dos meios eletrônicos, ou ciberativismo, não foi um fato isolado no Egito e no mundo temos vários exemplos marcantes. Conforme nos aponta matéria do Jornal do Comércio¹⁰. Em países como Argélia, Tunísia, Egito e Líbia, durante protestos contra desemprego e corrupção, muitas vezes as Redes Sociais foram a única forma de expressão dos manifestantes. Segundo o jornal, em meio aos tumultos, fotos e depoimentos eram postados em Sites como Facebook e o microblogging Twitter.

Apesar de parecer muito simples, e de depender apenas de um clique, o ciberativismo - que nasce com a entrada de ativistas na rede -, vem com uma proposta de conscientização através da internet. Na maioria dos casos uma movimentação que começa na internet e acaba nas ruas. E para isso não basta apenas o ciberativista, mas o ativista "real" também.¹¹ (SANTOS, 2011, p. 3).

As Redes Sociais e a Internet cumpriram um importante papel na organização de grandes mobilizações e movimentos democráticos no mundo neste ano. No Egito não foi diferente. O Facebook foi uma ferramenta de extrema importância para os revolucionários egípcios.

¹⁰ KNEBEL, P. **Internet dá novo significado à participação popular**. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=74556>. Acessado em 03 de outubro de 2011.

¹¹ SANTOS, F.J.A. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações Humanas**. Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf Acessado em 03 de outubro de 2011.



Figura 8 – Homem segurando cartaz durante as mobilizações no Egito. O nome do país escrito com os símbolos das Redes Sociais é extremamente simbólico, pois compartilha do sentimento de importância que estas ferramentas tiveram para a revolução. Disponível em: http://www.aviagemdeodiseo.com/blogbrasil/wp-content/uploads/2011/02/cartaz_egito_redes-sociais1.jpg Acessado dia 18 de novembro de 2011.

Segundo Santos (2011), a imprensa mundial atribuiu o início das manifestações egípcias à mobilização dos jovens pela Internet, que foram ao longo do processo transportando suas reivindicações e organizações do virtual para as ruas.

A pregação dessa juventude do Facebook foi ganhando aceitação em grupos que representam setores pobres da população, como o movimento “Kafaya” (Basta!), que organizou as primeiras manifestações em dezembro de 2004. Também ganhou o apoio de membros de partidos de oposição. Incluindo a poderosa confraria dos Irmãos Muçulmanos. O grupo [Movimento 6 de abril] teve novo impulso com a revolta popular que pôs fim ao regime do presidente tunisiano Zine El Abidini Bem Ali e convocou seus 86 mil membros registrados na internet a se mobilizarem. (SANTOS, 2011, p. 2).

Portanto, a partir do chamado feito através da Internet, as manifestações de rua iniciaram. O resultado conhecido foram as grandes mobilizações que reuniram milhares de pessoas. Entretanto, ao dar-se conta que os chamados pela Internet estavam dando resultado, e estes eram quase que avassaladores, e, além de tudo, também estavam repercutindo nas cidades do interior, o

governo egípcio optou por uma solução extremamente ditatorial e bloqueou quase que totalmente a Internet e a comunicação de telefonia móvel, também muito utilizada para divulgar as mobilizações, numa tentativa desesperada de tentar conter a revolta. Entretanto, as notícias de prisões e repressão policial continuaram circulando e os ativistas deram seu jeito, conforme matéria publicada após iniciados os conflitos¹².

Enquanto isso, as medidas restritivas levaram os egípcios a recorrer a tecnologias "retrô". *Modems* discados restabeleceram, ainda que precariamente, o uso da Internet; aparelhos de fax e rádios amadores foram usados na comunicação e disseminação de informações, especialmente com novos locais e horários para protestos. (RBS, 2011)

Entretanto, o bloqueio não impediu a comunicação. Além disso, também levou a Google a criar uma forma de acesso ao Twitter pelo telefone, em parceria com a empresa, inclusive permitindo que as mensagens fossem ouvidas em qualquer lugar do mundo, mesmo sem acesso à Internet. Também o Google investiu em um link dedicado a reunir informações sobre o Egito, dentro do Google Crisis Response, um projeto com o objetivo de tornar acessíveis informações a respeito de desastres naturais e crises humanitárias¹³.

Conforme relata Loay Kahwagi, jovem egípcio e um dos dirigentes do Movimento 6 de Abril, em entrevista à revista Socialismo e Liberdade (2011), devido a Lei de Emergência existente no Egito (lei que permite o presidente governar com poder quase absoluto e a polícia amplos poderes, como por exemplo manter uma pessoa presa por meses sem a formalização de uma acusação) e também por causa da dura repressão do Estado Policial, as convocações e, muitas vezes, as próprias reuniões foram pela Internet e pelo Facebook.

Nós usamos os grupos do Facebook, acho que esta é a primeira revolução a utilizar este tipo de ferramenta para mudar totalmente um regime. Na verdade, esta era a única maneira de entrarmos em contato uns com os outros, por meio do Facebook, twitter... Apesar de algumas reuniões terem acontecido, estou certo que esse não foi o

¹² CLICRBS. **Protestos no Egito**. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/admiravelmundovirtual/2011/02/12/protestos-no-egito-renuncia-de-mubarak-e-o-papel-da-internet-e-das-redes-sociais/> Acessado em 16 de novembro de 2011.

¹³ GOOGLE. **Crisis**. Disponível em: <http://www.google.com/crisisresponse/egypt.html> Acessado em 16 de novembro de 2011.

elemento majoritário que levou às mobilizações, especialmente porque os seguranças do regime estavam nos espionando, prendendo e vigiando. De fato, eles também estavam no Facebook, como vimos posteriormente, porém a agilidade e a facilidade de encontrar muitos amigos é diferente. (REVISTA SOCIALISMO & LIBERDADE, 2011, p. 23)

Dessa maneira, através do relato do jovem ativista comprovamos que as Redes Sociais e a Internet tiveram importante papel na organização e convocação das mobilizações. Entretanto, conclui-se também que a utilização destes meios era extremamente arriscada, uma vez que também era vigiada. Conforme matéria no jornal inglês *The Guardian*¹⁴, folhetos anônimos foram distribuídos nas ruas do Cairo com orientações sobre mobilizações, mas também recomendando que Sites como Facebook e Twitter não fossem usados, pois estavam sendo monitorados por forças de segurança.

Para Tariq Ali¹⁵, em processos revolucionários as pessoas sempre irão buscar um meio para se comunicarem umas com as outras. Como por exemplo, na rebelião dos escravos no Haiti, no século 18, a comunicação era por tambor, de aldeia em aldeia. Outro exemplo que o autor utiliza é o de Fidel Castro e Che Guevara em Sierra Maestro, onde se comunicavam com as pessoas de diferentes cidades através de mensageiros.

Por fim, Ali (2011) conclui que em muitos casos as pessoas utilizam telefone, mas raramente, pois os telefones podem ser facilmente rastreados. E levanta um exemplo. Recentemente nas mobilizações no Reino Unido, prenderam pessoas que não haviam feito nada, apenas enviado mensagens marcando local de encontro umas com as outras. Mas, o caso mais grave, refere-se ao de uma pessoa que foi sentenciada a quatro anos de prisão, apenas por trocar mensagem.

Embora estes levantamentos apreensivos, não descartamos que as Redes Sociais, em especial o Facebook, tiveram grande relevância para a revolução egípcia.

¹⁴ BLACK, Ian. **Egypt protest leaflets distributed in Cairo give blueprint for mass action.** Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/27/egypt-protest-leaflets-mass-action> Acessado em 15 de novembro de 2011.

¹⁵ Escritor e ativista paquistanês. Escreve para o jornal britânico *The Guardian* e para a revista *New Left Review*. Entrevista exclusiva para este estudo no dia 16 de novembro de 2011 em visita a Porto Alegre para palestra na Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Neste sentido, durante todo o processo revolucionário, dois momentos são muito importantes serem resgatados, devido o importante papel que Facebook cumpriu. O primeiro deles é o caso do assassinado Khaled Said em 7 de Junho de 2010. O jovem foi morto pela polícia justamente por ter divulgado um vídeo que aparecia policiais corruptos. O segundo, e o mais importante, é o evento datado no dia 25 de janeiro de 2011. Conforme dissemos, muitos grupos viram na queda de Bem Ali, na Tunísia, uma grande oportunidade para convocar uma grande manifestação. Dessa forma, diversos grupos de juventude usuários do Facebook, em especial o “Somos todos Khaled Said”, passaram a convocar atos contra a repressão exercida pelo regime para o dia 25 de Janeiro. Nesta data, é comemorado o dia da Polícia, no Egito. O que ocorreu foi que no protesto eram esperadas duas mil pessoas. Entretanto, havia quinze mil participantes, apenas na Praça Tahir. Muito se atribui a este extraordinário comparecimento popular às Redes Sociais, em especial a divulgação feita via Facebook.

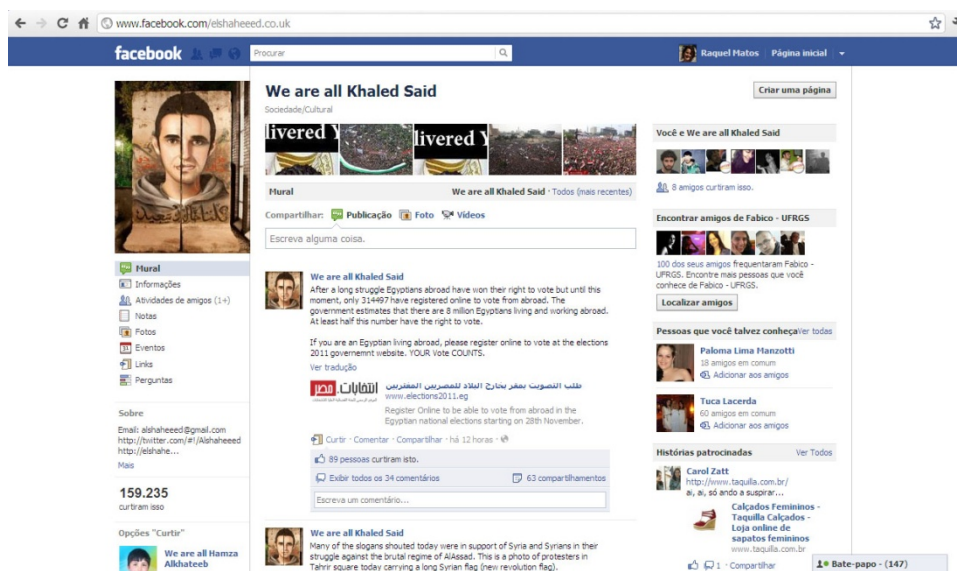


Figura 9 – Imagem da página do Facebook “Somos todos Khaled Said”. É possível verificar que são quase 160 mil pessoas que “curtem”, ou seja, que acompanham a página. Disponível em: <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk> Acessado dia 18 de novembro de 2011.

A partir das leituras que fazemos de todas as entrevistas, a impressão é que o Facebook cumpriu um papel para além de fomentar atos, mas tornou-se um instrumento de organização também, especialmente da juventude.

Me lembro do pessoal da Tunísia mandando por facebook e twitter: “Pessoal do Egito, utiliza spray preto no vidro dos blindados da polícia, assim eles não vêem e vocês têm mais controle. Caso atingidos por gás lacrimogêneo, não fechem os olhos e utilize Pepsi para diminuir os efeitos”. (REVISTA SOCIALISMO E LIBERDADE, 2011, p. 24)

Para Ali (2011) o Facebook teve grande importância, mais ainda as mensagens de texto também cumpriram um importante papel. Dessa forma, as pessoas conseguiam se comunicar e marcar onde elas poderiam se encontrar. Entretanto, uma ressalva importante que Ali faz é o mais importante não foi isso, foi o fato de as pessoas estarem dispostas a sacrificarem sua própria vida.

Sobre a influência dos Estados Unidos na região, Ali afirma:

Bom, eu acredito que a influencia dos Estados Unidos diminuiu. Diminuiu porque os egípcios ocuparam a embaixada israelense. Isso nunca poderia ter acontecido com o Mubarak. Mas eles controlam o Egito através do exército; e esse exército ainda está no poder e não foi trocado. Portanto a influencia americana no mundo árabe ainda é forte, não tenha dúvidas. (2011)

Após a queda do regime, os egípcios continuam se esforçando para construir uma nova democracia. Pela primeira vez na história moderna do país, milhões de cidadãos participaram de um referendo para mudar a constituição vigente na era Mubarak. Mesmo depois de deposto o ditador, inúmeros protestos continuaram para garantir que as exigências remanescentes da revolução fossem cumpridas, entre elas é o julgamento de Mubarak e dos pilares que faziam parte do seu regime.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Para melhor compreensão do tema abordado, consideramos que o método mais eficaz de pesquisa é o Estudo de Caso. Gil (1989) afirma que o que o caracteriza é o estudo aprofundado de um ou de poucos objetos, sendo

possível conhecer de forma ampla e detalhada cada um deles. Para Yin (2011), esta deve ser a escolha utilizada quando “o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto de vida real”. Ou seja, a partir do desejo de se entender um fenômeno social atual e complexo, como é o caso da utilização das redes sociais durante a revolução no Egito.

Yin (2011) coloca que muitos são os críticos à metodologia do Estudo de Caso. Os principais argumentos são a falta de rigor, a influência do investigador – seja por utilização de falsas evidências, seja por visões viesadas -, o fato de fornecer poucas bases para generalizações, que as pesquisas são muito extensas e demandam um grande tempo para serem concluídas.

Entretanto, o próprio responde tais críticas com argumentos que tornam possível evidenciar a validade e a confiabilidade do estudo de caso. Para ele, o objetivo das generalizações são as proposições teóricas, ou seja, modelos, não proposições sobre populações, por exemplo. Nesse sentido, Gil (1989) explicita muito bem a respeito da generalidade:

Este delineamento se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa. A experiência acumulada com delineamentos desta natureza confere validade a essa suposição, muito embora não seja possível sua sustentação do ponto de vista lógico. Isto porque pode ocorrer que a unidade escolhida para o estudo de caso seja bastante anormal dentre as muitas de sua espécie, o que conduziria a conclusões totalmente errôneas (GIL, 1989, p. 79).

Yin (2011) ainda afirma que a essência de um estudo de caso, ou a tendência central, é esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, tais como por que foram tomadas, como foram implementadas e quais os resultados alcançados. Para isso, não necessariamente é preciso recorrer à técnica de coleta de dados que consomem grande tempo. Prova que o autor está correto, é este trabalho. Nosso objetivo não é provar a influência ou não das redes sociais na revolução egípcia. Mas, demonstrar que a revolução passou pelas redes sociais.

Segundo Yin (2011), o estudo de caso pode ser de três formas: exploratório, descritivo ou explanatório (causal). Ele ainda defende que é uma pesquisa empírica, uma vez que investiga um fenômeno contemporâneo em

seu contexto real, onde as fronteiras entre este contexto e o fenômeno não são claramente evidentes e que múltiplas fontes de evidências podem ser utilizadas.

O autor nos indica as aplicações do Estudo de Caso. Ou seja, explicar ligações causais em situações complexas, descrevendo o contexto em que ocorreram tais situações e explorando-as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitando o processo de pesquisa e as metas propostas no presente trabalho, observa-se que o objetivo geral foi de fato atendido ao longo deste estudo. Através de entrevistas, depoimentos de manifestantes e matérias jornalísticas comprovamos, de fato, que a revolução do Egito passou pelas Redes Sociais virtuais, em especial pelo Facebook.

Ao longo do presente estudo, foi descrita a origem da Web através de um panorama histórico e sua trajetória analisada até a criação da Web 2.0. Além disso, elucidamos a respeito das Redes Sociais e como elas funcionam na Internet. Posteriormente, desenvolvemos a respeito do Facebook, a partir de sua criação e levantando dados importantes sobre sua abrangência no mundo, na África e no Brasil. Somando a isso, aprofundamos sobre sua funcionalidade e seu uso como ferramenta de comunicação, informação e organização. Por fim, exemplificamos como o Facebook tem sido usado com recorrência no Brasil para organizar manifestações, numa forma de demonstrar que o uso das Redes Sociais virtuais nas mobilizações não foi uma exclusividade do Egito, mas apontar que esta é uma tendência mundial.

Na sequência, resgatamos a história do Egito. Iniciamos com o processo de independência do país, passando pelos principais fatos políticos e sociais ocorridos até a queda de Mubarak. Para tanto, trouxemos a tona os momentos de crise mais recentes e os fatos e atores que contribuíram para que culminasse a revolução.

Além disso, apresentamos a metodologia da pesquisa através do estudo de caso. E, por fim, por meio da pesquisa empírica comprovamos nossa hipótese de que a revolução no Egito, em fevereiro deste ano, passou pelas Redes Sociais realmente.

Diante do exposto, confirmamos nossa hipótese. Por meio de declarações, entrevistas e matérias jornalísticas impressas e virtuais, constatamos que, de fato, a revolução no Egito passou pelas Redes Sociais virtuais, em especial pelo Facebook.

Para além disso, observamos também que as Redes Sociais na Internet, em especial o Facebook, foram mais que um canal de divulgação e comunicação da revolução. As Redes Sociais virtuais não foram determinantes

para a revolução, mas cumpriram um importante papel. Pois, tiveram grande utilidade no momento de convocar e informar as manifestações que aconteceriam. Também romperam o cerco midiático da informação nacionalmente e internacionalmente.

Durante este trabalho, algumas dificuldades e limitações se apresentaram. Como dificuldade, apontamos o fato de a revolução egípcia ser um episódio recente na história. Dessa maneira, a bibliografia é escassa a respeito. Fato este que explica a quantidade de artigos disponibilizados na Internet e de matérias e entrevistas utilizadas no presente estudo.

Além disso, as novas tecnologias e as Redes Sociais virtuais também possuem, ainda, teoria muito recente. A isto atribuímos como uma limitação para este estudo.

Também, por estes motivos, fizemos a escolha deste tema, como forma de apresentarmos nossa contribuição ao universo acadêmico. Como vimos ao longo deste trabalho, a revolução egípcia sacudiu o ano de 2011 e, dessa maneira, muitas outras mobilizações ocorreram. Por isso, avaliamos ser imprescindível o resgate teórico e o registro acadêmico desta abordagem.

Por fim, esperamos que este trabalho possa de alguma forma contribuir para pesquisas futuras sobre as mobilizações em 2011 e a utilização das Redes Sociais.

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H. **A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural**. Disponível em: <http://www.universidadenomade.org.br/userfiles/file/Lugar%20Comum/27/13%20Web%202.0%20e%20o%20Futuro%20da%20Sociedade%20Ciber-cultural.pdf>. Acesso em: 15 nov 2011.
- ANTOUN, Henrique. A Web 2.0 e o Futuro da Sociedade Ciber-cultural. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 8., 2008, Natal. **Anais...** Natal: ENPC, 2008.
- BLATTMANN, U.; SILVA, F.C.C. **Colaboração e interação na WEB 2.0**. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/pt/cib/index.php/pt/cib/article/view/846>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- BRESSAN, Renato Tixeira. Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Intercom**. Santos: CBCC, 2007.
- CASTTELS, M. **A Galáxia da Internet**. Lisboa: F. Calaoeste, 2004.
- DUTRA, Israel. FUENTES, Pedro. Tunísia e Egito: uma revolução democrática e permanente percorre os países árabes. **Revista Socialismo e Liberdade**, Rio de Janeiro, Ano II, Volume 5, 2011, páginas 6 a 12.
- FERNANDES, Florestan. **O que é revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.
- Henriques, Fred. Na Praça Tahrir com Amr Abdulah. **Revista Socialismo e Liberdade**, Rio de Janeiro, Ano II, Volume 5, 2011, páginas 17 a 25.
- HENRIQUES, Fred. Tempestade no Deserto. **Revista Socialismo e Liberdade**, Rio de Janeiro, Ano II, Volume 5, 2011, páginas 13 a 16.
- KNEBEL, P. **Internet dá novo significado à participação popular**. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=74556>. Acesso em: 03 out 2011.
- Malek, Anouar Abdel, O Nasserismo na história do Egito. **Dossiê Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, Ano I, Volume 7, 2011, páginas 76 a 80.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciber-cultura).

RECUERO, Raquel. **Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre Orkut, os Weblogs e os Fotologs.** Disponível em: http://www.4shared.com/document/L7c5fY1D/Recuero_Raquel_Teoria_das_re_d.html. Acesso em: 26 out 2011.

ROBAINA, Roberto. Estamos com a Revolução Árabe. **Revista Socialismo e Liberdade**, Rio de Janeiro, Ano II, Volume 5, 2011, páginas 3 a 4.

RUFINO, A.; TABOSA, H.R.; NUNES, J.V. **Redes Sociais: Surgimento e Desenvolvimento dos Micro-Bloggings.** Disponível em: [http://www.infobrasil.inf.br/userfiles/26-05-S1-3-68061-Redes%20Sociais\(1\).pdf](http://www.infobrasil.inf.br/userfiles/26-05-S1-3-68061-Redes%20Sociais(1).pdf). Acesso em: 01 de nov. 2011.

SANTOS, F.J.A. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas.** Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf. Acesso em: 03 out 2011.

SIOTANI, Sérgio K. **Alterações de paradigmas com o advento da Web 2.0.** 2007. Trabalho de conclusão de curso (monografia). Faculdade Impacta de Tecnologia, Curso de Tecnologia da Informação, São Paulo, 2007.

YIN, Robert K. **Case Study Research: design and methods.** Disponível em: http://www.focca.com.br/cac/textocac/Estudo_Caso.htm. Acesso em: 28 out 2011.